

# r é

PAULO FERNANDES

Ré era um cachorro preto com o peito branco. Andava sempre com as crianças. De noite guardava a casa. Dizia o avô, que o Ré andava tôda a noite, volteava pelo arvoredo. Quando o dono da casa viajava, ao voltar o cachorro ia longe pela estrada esperá-lo. O sentido do bicho pressentia a chegada.

Ré era bom pra todos, grandes e pequenos em casa. Mas outro cão não se chegava que Ré o enfrentava com fúria. Era ciente de seus domínios.

Um dia o cão adoeceu. Fizeram os cálculos e notaram que era muito velho. Deitou enrodilhado embaixo do fogão e rejeitou comida. As crianças tentaram afagos mas em vão. Ré ia morrer ficaram cientes. Tristes até. Deixá-lo morrer ali, acompanhado talvez à noite seria melhor.

Mas o animal sentiu dor, uivou, gemeu, rosnou. Não puderam ficar com êle dentro de casa. Lá fora era noite de lua. Ré que atravessara tantas noites iguais como guardião foi levado. Foi o dono puxando a coleira e os meninos junto, olhos arregalados, mais surpresos do que tristes.

Ré, atado ao tronco de um cinamomo, estirou-se na terra. Teria visto o olhar dos meninos?

Voltaram com ciência da crueldade. O cachorro ainda uivou noite a dentro. Aos poucos todos foram envolvidos pelo sono. As crianças sonharam com um cachorro preto, grande, grande como o lobisomem. Rolaram na cama e acordaram assustados no meio da noite.

Pela manhã havia muito sereno e Ré estava morto.

—o-O-o—